

EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE SAUDÁVEL A PARTIR DA IDENTIFICAÇÃO DE INTERESSES E NECESSIDADES EM MEIO ESCOLAR

Zélia Anastácio¹ & Carla Silva¹

¹CIEC, Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, Portugal
zeliarf@ie.uminho.pt; carla.costaesilva.2006@gmail.com

RESUMO

Atendendo a que muitos programas de educação para a sexualidade nas escolas não consideram as necessidades dos alunos, este estudo assenta num diagnóstico dos interesses e dúvidas de crianças e adolescentes acerca da sexualidade consoante a sua fase desenvolvimental. O principal objetivo foi proceder a um levantamento de necessidades e dúvidas de alunos no âmbito da sexualidade, para uma posterior educação sexual ajustada.

A metodologia utilizada foi predominantemente qualitativa, recolhendo-se dados através de questões abertas, que foram depois categorizadas e quantificadas (Bardin, 2004). A amostra abrangeu 32 turmas (do 1.º CEB até ao Ensino Superior). A recolha de dados fez-se em suporte papel (página A5 em branco, com indicação da idade, ano de escolaridade e sexo) onde os alunos escreviam as suas questões/dúvidas. Seguidamente construiu-se uma base de dados no programa SPSS e estabeleceram-se categorias e subcategorias a partir das questões obtidas. As categorias e subcategorias foram codificadas no mesmo programa e procedeu-se a uma análise descritiva (frequências). Constatou-se que existe um padrão de questões e interesses consoante a faixa etária, notando-se nas mais baixas interesses relacionados com a conceção, o nascimento e o bem-estar do feto/recém-nascido, evoluindo para interesses em matéria de contraceção, infeções sexualmente transmissíveis, relacionamentos e problemas de (in)fertilidade. Com o conhecimento dos interesses de cada faixa etária julgamos poder desenvolver competências de educação para a sexualidade adequadas à fase de desenvolvimento dos alunos motivando-os para aprendizagens conducentes à redução dos comportamentos sexuais de risco e a tomada de decisões conscientes para a vivência de uma sexualidade saudável.

Palavras-chave: educação para a sexualidade, crianças, adolescentes, interesses

INTRODUÇÃO

Em Portugal, foram definidas como áreas prioritárias de intervenção em educação para a saúde em meio escolar a alimentação e atividade física, o consumo de substâncias psicoativas, a sexualidade, as infeções sexualmente transmissíveis (VIH-

SIDA) e a violência em meio escolar, áreas essas definidas pelo Ministério da Educação por Despacho do Senhor Secretário de Estado da Educação de 27 de Setembro de 2006.

De acordo com Jones (2011), a política sexual está a mudar a nível global, nacional e mesmo local e esses movimentos afetam os discursos de Educação Sexual (ES) nas políticas educativas. No entanto, para esta autora, as mudanças operadas nem sempre se traduzem num repensar das abordagens de ES e, por vezes, a tendência é para seguir políticas mais conservadoras.

A sexualidade é vista, muitas vezes, como um tabu no quotidiano das pessoas sendo observada por muitos como sendo algo relacionado com o sujo, o pecaminoso, o obsceno e o proibido (Moizés & Bueno, 2010). Assim sendo, tal visão e postura tem vindo a contribuir para a oposição à promoção da saúde sexual dos indivíduos, pois a sexualidade remete para a afetividade e para a construção de relações consigo mesmo e com o outro, sendo uma questão relevante em contextos educacionais, já que abrange uma série de temas que dizem respeito ao desenvolvimento humano. Desta forma, a qualidade dos relacionamentos, o equilíbrio emocional e a manifestação de sentimentos do indivíduo dependem de uma boa evolução da sexualidade durante as etapas da infância e da adolescência. O conceito de sexualidade, sobre o qual incide a vertente educativa que trabalhamos, é definido pela OMS como:

“uma energia que nos motiva a procurar amor, contacto, ternura e intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, acções e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental” (Frade et al, 1999:17).

A Educação Sexual (ES) é por nós entendida à luz dos conceitos da Educação para a Saúde. Deste modo, a ES deve procurar atenuar os comportamentos de risco, tais como a gravidez não desejada e as doenças sexualmente transmissíveis, mas deve de igual modo promover a qualidade das relações interpessoais, a qualidade da vivência da intimidade e a contextualização destas na sua raiz cultural e socio-histórica (GTES, 2007a). O conceito de educação sexual tem sido apresentado por vários autores. Frade e colegas (1999:15, *cit in* Anastácio, 2007) enunciam-no como um:

“conceito global abrangente de sexualidade que inclui a identidade sexual (masculino/feminino), o corpo, as expressões da sexualidade, os afetos, a reprodução e a promoção da saúde sexual e reprodutiva.”

Há várias décadas que se vem debatendo a implementação da ES nas escolas portuguesas. Contudo, a realidade vai evidenciando um certo evitamento por parte do grupo docente para a integração plena desta temática em contextos escolares (Anastácio, 2007). Acresce ainda que muitos programas de educação para a sexualidade que têm sido realizados nas escolas não consideram as necessidades dos alunos (Marinho, Anastácio & Carvalho, 2010).

OBJETIVOS

Tendo como referência a problemática e o enquadramento teórico acima expostos, procuramos proceder a um levantamento dos interesses e necessidades de crianças e adolescentes em matéria de sexualidade e educação sexual consoante a sua faixa etária. Pretendemos ainda proceder a uma análise categórica para padronização desses interesses e necessidades manifestados com vista a planear intervenções para a ES em meio escolar adequadas ao estadió de desenvolvimento dos alunos.

METODOLOGIA

O estudo foi do tipo transversal, tendo os dados sido recolhidos junto de cada sujeito num único momento, e a metodologia predominantemente qualitativa, interpretando-se o conteúdo dos dados recolhidos. Este tipo de metodologia era a que melhor se adequava a este trabalho de investigação, na medida em que recolhemos dados escritos pelos sujeitos de forma aberta, os quais foram depois alvo de análise de conteúdo procedendo-se à sua categorização e posterior quantificação das categorias apuradas (Bardin, 2004).

Método e instrumento de recolha de dados

Com o intuito de identificar as necessidades e dúvidas de crianças e adolescentes acerca da sexualidade, em meio escolar, optou-se pela recolha de perguntas dos alunos de modo anónimo. Este método tem sido bastante utilizado em estratégias de ES e é denominado *caixa de perguntas*. Tem vindo a ser sugerido por vários autores

portugueses (por exemplo, CCPES, et al. 2000) e estrangeiros. Stevens e colegas (2013) referem que o uso de uma caixa de perguntas anónimas escritas pelos jovens constitui uma estratégia alternativa segura para os participantes colocarem perguntas relativas a sexualidade humana. Para estes autores, muitos participantes em intervenções de ES podem sentir-se desconfortáveis caso sejam questionados oralmente. Assim, esta oportunidade de responderem anonimamente permite que as questões recolhidas sejam posteriormente abordadas nas ações que se pretenda realizar, minimizando os constrangimentos.

Foi necessário elaborar um instrumento de recolha de dados, embora muito simples. Este consistiu numa folha de papel em formato A5, onde se pedia aos participantes para indicarem apenas a idade, o ano de escolaridade e o sexo. Para os de ensino secundário e de ensino superior foi acrescentado o fator ter filhos. Seguiu-se um retângulo em branco ocupando o restante espaço para as crianças e os adolescentes escreverem as suas questões ou dúvidas de forma anónima

Tratamento dos dados

Para melhor orientar futuras ações de ES, a análise das questões que foram colocadas pelos participantes neste estudo, consistiu na sua categorização *a priori* assente nos seis conceitos-chave enunciados pela UNESCO (2009): Relacionamentos; Desenvolvimento humano; Valores, atitudes e habilidades; Saúde sexual e reprodutiva; Cultura, sociedade e direitos humanos; e Comportamento sexual.

Jacob e Shaw (1998, p.155) referem que a *categorização é um processo cognitivo de dividir as experiências do mundo em grupos de entidades ou categorias para construir uma ordem física e social do mundo.*

Amostra

A amostra abrangeu 32 turmas (do 1.º CEB até ao Ensino Superior) nas faixas etárias entre os 7 e 31 anos de idade, no qual foi possível recolher dados através de questões abertas que foram categorizadas e quantificadas (Bardin, 2004). Neste estudo participaram 134 crianças do 1.º CEB, 299 crianças de 2.º e 3.º CEB, 148 jovens do ensino secundário, 42 participantes da Licenciatura de Educação Básica e 114 da Licenciatura

de Engenharia Informática, num total de 741 alunos. Estes participantes frequentavam diversos estabelecimentos de ensino público, nomeadamente: Centro Escolar de Vila Verde, em Vila Verde; Escola EB1 Bairro Económico – Lamações, em Braga; Escola EB2/3 Miguel Torga - Sabrosa, em Vila Real; Escola Secundária Carlos Amarante, em Braga e Universidade do Minho, em Braga.

Os dados obtidos em suporte papel foram transcritos para Word e posteriormente introduzidos numa base de dados no programa informático SPSS (Statistical Package for Social Sciences), versão 22.

Este processo de categorização teve como referência os conceitos-chave mencionados no *International Technical Guidance on Sexuality Education, UNESCO (2009): Comportamento sexual (CS), Cultura, sociedade e direitos humanos (CSDH), Desenvolvimento humano (DH), Relacionamentos (R), Saúde sexual e reprodutiva (SSR) e Valores, atitudes e habilidades (VAH).* ”). Deste modo, as principais categorias de análise foram definidas *a priori*. No entanto, surgiu a necessidade de criar mais duas categorias relativas a questões “fora do contexto” e a “não resposta”, o que conduziu à formação de um total de 8 categorias. No que concerne às subcategorias, estas foram definidas *a posteriori* tendo emergido das categorias acima mencionadas.

Posteriormente foi atribuída uma codificação específica, tanto às categorias como às subcategorias, como consta nas *tabelas 1 e 2*.

Tabela 1- Categorias e sua codificação

Categorias	Códigos
Relacionamentos (R)	1
Valores, atitudes e habilidades (VAH)	2
Cultura, sociedade e direitos humanos (CSDH)	3
Desenvolvimento humano (DH)	4
Comportamento sexual (CS)	5
Saúde sexual e reprodutiva (SSR)	6
Fora de contexto (FC)	7
Não resposta (NR)	8

Tabela 2- Subcategorias emergentes e sua codificação

Subcategorias	Códigos
Gravidez	1
Nascimento	2
Reprodução	3
Taxonomia	4
Morfologia	5
Fisiologia	6
Doenças	7
Menstruação	8
Aborto	9
Puberdade	10
Violação	11
Casamento	12
Abandono	13
Métodos contraceptivos	14
Amamentação	15
Virgindade	16
Masturbação	17
Homossexualidade	18
Orgasmo	19
Identidade	20
Pornografia	21
Excitação	22
Viagra	23
Ciúmes	24
Impotência sexual	25
Educação sexual	26
Namoro	27
Sexualidade	28
Preconceito	29
Desejo sexual	30
Ejaculação precoce	31
Sexo escrito	32
Planeamento familiar	33
Sexo oral	34
Posições sexuais	35
Sexo anal	36
Infertilidade	37
Reprodução assistida	38
Prevenção	39
Atração sexual	40
Ponto G	41
Estigma Social	42
Transexualidade	43
Sedução	44
Fantasias sexuais	45
Mudança de sexo	46
Herpes labial/vaginal	47
Hemafroditas	48
Assédio sexual	49
Objetos sexuais	50

Período fértil	51
Hormonas sexuais	52
Fora de Contexto	53
Não resposta	54

Feita a análise categórica, procedeu-se a uma breve análise estatística descritiva, quantificando para perceber quais eram as categorias mais ocorrentes e procurando-se ainda averiguar relações entre essas categorias, consideradas variáveis dependentes, e as variáveis independentes sexo, faixa etária e nível de escolaridade. Para estabelecer as associações entre as variáveis recorreu-se ao teste de Qui-quadrado, na tentativa de identificar a existência ou não de relações de dependência entre as questões colocadas e os fatores ou variáveis independentes.

APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Responderam à *caixa de perguntas*, 741 alunos (desde o 1.º Ciclo do Ensino Básico até ao Ensino Superior) dos quais 353 eram do sexo feminino e 387 do sexo masculino. A média de idades situou-se nos 13,6 anos, tendo os mais novos 7 anos e os mais velhos 31 anos, e a moda situou-se nos 12 anos de idade. De acordo com o nível de ensino, 134 eram do 1.º CEB, 139 do 2.º CEB, 160 do 3.º CEB, 148 do Ensino Secundário e 160 do Ensino Superior. Obtivemos um total de 1457 questões, das quais 246 não se relacionavam com a sexualidade. Também aconteceu que 159 alunos preencheram os dados de caracterização mas não escreveram quaisquer perguntas. É ainda de salientar que numa grande maioria dos casos, cada aluno redigiu mais do que uma questão.

Na tabela 3 apresenta-se a distribuição, em percentagens, relativamente a cada uma das categorias. Constatou-se que o maior número de questões colocadas ocorreu na categoria *Desenvolvimento Humano*, logo seguida das categorias *Saúde Sexual e Reprodutiva e Comportamento Sexual*. Pelo contrário, o menor número de questões ocorreu na categoria *Relacionamentos* seguindo-se a de *Cultura, Sociedade e Direitos Humanos*.

Tabela 1- Percentagem de ocorrência de categorias

Categorias	Percentagens (%)
Comportamento sexual	20,35
Cultura, sociedade e direitos humanos	1,36
Desenvolvimento humano	29,53
Relacionamentos	1,23
Saúde sexual e reprodutiva	20,35
Valores, atitudes e competências	1,85
Fora de Contexto	15,17
Não Resposta	10,17
Total	100,0

Categorias em função do sexo

No sexo feminino destacou-se um maior interesse em relação às categorias *Desenvolvimento Humano* e *Saúde exual e Reprodutiva* do que no sexo masculino. Por sua vez, os rapazes evidenciaram maior curiosidade do que as raparigas em questões relacionadas com o *Comportamento Sexual*, *Valores Atitudes e Competências* assim como *Cultura, Sociedade e Direitos Humanos*. Foram também os rapazes que colocaram mais questões *fora do contexto* da sexualidade e os que mais se recusaram a colocar questões – *não resposta* - (Figura 1).

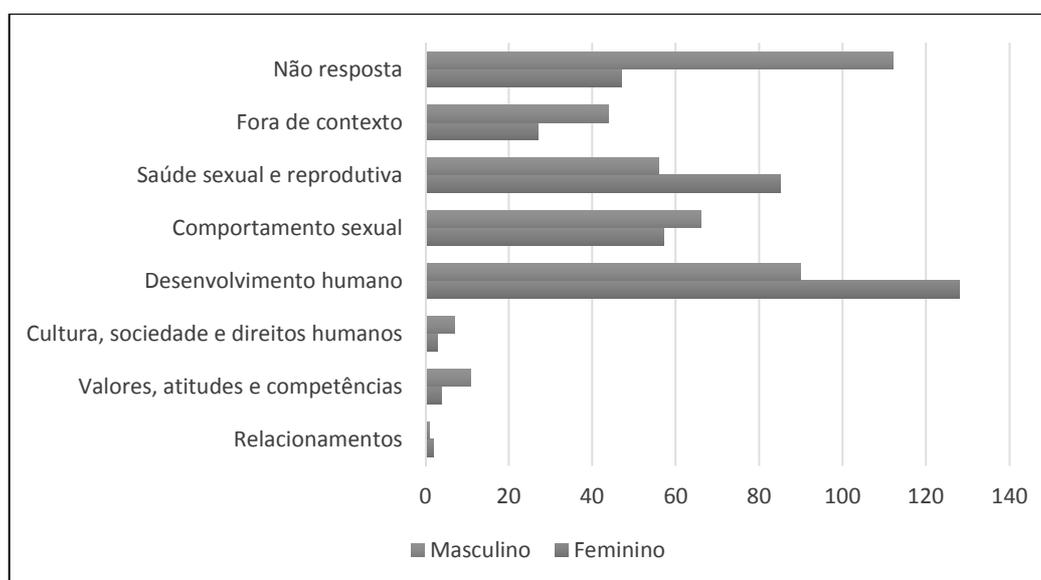


Figura 1- Categorias em função do sexo.

De modo a perceber a associação existente entre estas duas variáveis (categorias de interesses e sexo), realizou-se o teste de Qui Quadrado, cujo valor revelou existir uma relação de dependência ($\chi^2= 47.628$; $p<.0001$) entre ambas.

Categorias em função do nível de ensino

Também se procurou averiguar a relação entre as variáveis *Categorias* e *Nível de Ensino* (Figura 2), tendo-se observado que as crianças de 1.º e 2.º CEB foram as que colocaram mais questões relacionadas com o desenvolvimento humano, se bem que as de 2.º CEB foram também as que redigiram mais questões relacionadas com a saúde sexual e reprodutiva e questões fora do contexto da sexualidade.

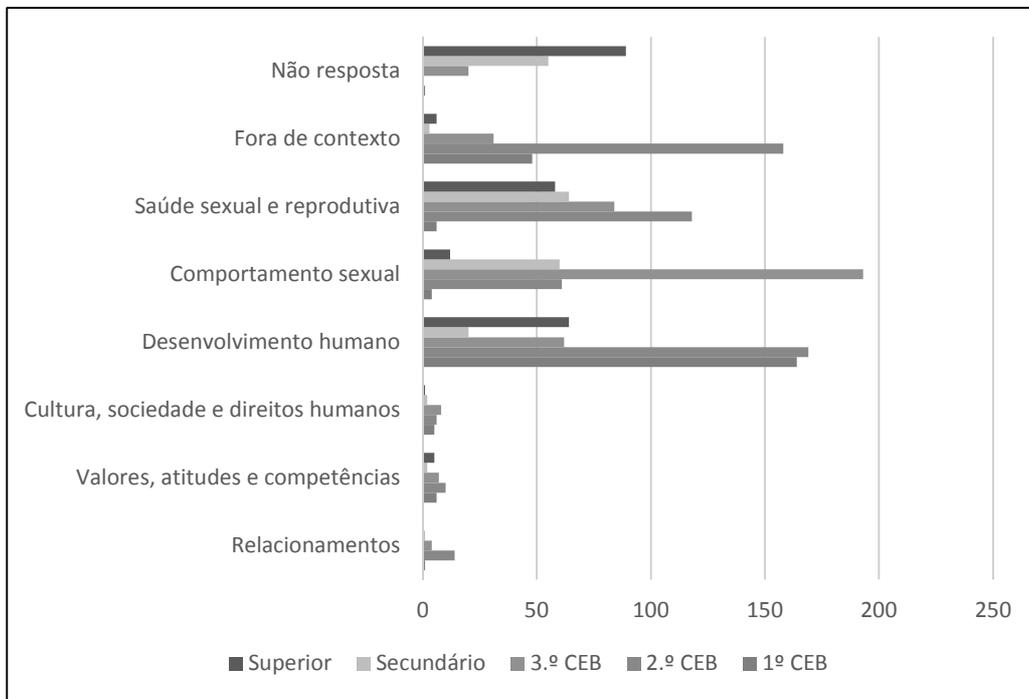


Figura 2- Categorias em função do nível de ensino

De modo a perceber se existia alguma associação entre estas duas variáveis, aplicou-se o teste Qui Quadrado, cujos valores indicaram que existe uma relação de dependência entre as mesmas ($\chi^2= 618.933$; $p<.0001$).

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

De facto, as categorias que se destacam mais nos resultados por nós obtidos são *Desenvolvimento Humano, Saúde Sexual e Reprodutiva e Comportamento Sexual*. Na categoria *Desenvolvimento Humano* emergiram subcategorias que englobam as questões relacionadas com a fecundação, a reprodução, a gestação, o parto e ainda algumas questões relativas ao crescimento e desenvolvimento pubertário. Na categoria *Saúde Sexual e Reprodutiva* incluem-se essencialmente as subcategorias relacionadas com gravidez e seu planeamento, métodos contraceptivos, reprodução, aborto, doenças do sistema sexual e reprodutor e infeções sexualmente transmissíveis. A categoria *Comportamento Sexual* abarca subcategorias relacionadas com o desejo sexual, o prazer, a resposta sexual humana e os estímulos visuais.

A análise das diferenças entre os sexos vêm confirmar que as meninas colocam maior número de questões e mais direcionadas para o desenvolvimento corporal e para a saúde reprodutiva, enquanto os rapazes adotam uma postura de já saber praticamente tudo, sendo para eles as questões de maior interesse as que se relacionam com o desejo, o prazer e a resposta sexual. Dados semelhantes foram encontrados noutro estudo em que se questionavam os alunos de 2.º e 3.º CEB acerca do que gostariam de aprender mais no domínio da sexualidade (Marinho & Anastácio, 2012).

Além do género, outros fatores apontam para uma necessidade de adequação dos conteúdos às fases de desenvolvimento, nomeadamente a idade e o nível de ensino, em função dos quais se diferenciam interesses e dúvidas. Os alunos com idades mais precoces colocam questões mais no âmbito do nascimento dos bebés, como estes nascem, de onde nascem, como entram para a barriga da mãe, entre outras, ao passo que nas faixas etárias mais elevadas os alunos colocam questões com maior rigor e de carácter mais científico, revelando já alguns conhecimentos ao nível da educação para a sexualidade e, conseqüentemente, a necessidade de os aprofundar. Contudo, também se verifica uma maior ausência de questões à medida que as faixas etárias vão avançando, ou seja, no ensino secundário e no ensino superior, da mesma forma que questões e expressões *fora de contexto*.

Olhando os interesses dos alunos em função do nível de ensino, a categoria *Desenvolvimento Humano* foi a que reuniu mais questões das crianças (1.º e 2.º CEB) e

dos estudantes de ensino superior. No caso do 1.º CEB as questões mais frequentes incidem na biologia da reprodução, sendo mesmo a questão mais comum a de “*Como se fazem os bebés?*”, seguida das questões relacionadas com a fecundação, por vezes associada à conceção alternativa de uma semente: “*Como se põe a semente do bebé na mãe?*”. Nesta fase, as crianças manifestam um especial interesse pelo nascimento, não dando grande ênfase à dimensão afetiva da sexualidade. Um resultado semelhante também já tinha sido observado por Tunnicliffe e Reiss (1999) no Reino Unido, o que levou os autores a afirmarem que neste nível de ensino se deveria até denominar educação para o nascimento em vez de educação para a sexualidade.

Perante os resultados deste estudo, podemos afirmar que é fundamental que os projetos de Educação Sexual em Meio Escolar considerem as necessidades dos alunos, de modo a que se possa garantir maior eficácia das intervenções, assim como que tais intervenções sejam planeadas de modo a dar resposta às questões que inquietam os alunos, contribuindo assim para uma significativa melhoria ao nível da sua formação e do seu desenvolvimento pessoal e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anastácio, Z. (2007). Educação Sexual no 1.º CEB: Concepções, Obstáculos e Argumentos dos Professores para a sua (não)Consecução. Tese de Doutoramento. Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho.
- Bardin. L. (2004). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- CCPES, DGS, APF, RNEPS. (2000). *Educação Sexual em Meio Escolar. Linhas Orientadoras*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Frade, A., Marques, A., Alverca, C. & Vilar, D. (1999). *Educação sexual na escola. Guia para professores, formadores e educadores*. 3ª Edição. Lisboa: Texto Editora.
- Grupo de Trabalho em Educação Sexual (2007a). Relatório Final. Lisboa. Ministério da Educação.
- Jacob, E. K. & Shaw, D. (1998) *Sociocognitive perspectives on representation. Annual Review of Information Science and technology*, v. 33, p. 131-185.
- Jones, T. M. (2011). *Saving rhetorical children: sexuality education discourses from conservative to postmodern*. *Sex Education*, 11:4, 369-387.

- Marinho, S., Anastácio, Z. & Carvalho, G.S. (2010) Avaliação de Projectos de Educação Sexual na Perspectiva da Promoção da Saúde. *In*: H. Pereira, L. Branco, F. Simões, G. Esgalhado e R.M. Afonso (Eds). *Educação para a Saúde, Cidadania e Desenvolvimento Sustentado*. Actas do 3º Congresso Nacional de Educação para a Saúde; e 1º Congresso Luso-Brasileiro de Educação para a Saúde. Covilhã: Universidade da Beira Interior, pp. 417-431. (CD-ROM; ISBN: 978-989-96996-0-1).
- Marinho, S. & Anastácio, Z. (2012). Concepções de Adolescentes dos 10 aos 18 anos sobre Educação Sexual e Sexualidade. *In* C. Albuquerque (Org.). *Comportamentos de Saúde Infanto-Juvenis – realidades e perspetivas*, pp. 441-451. Viseu: Escola Superior de Saúde – Instituto Politécnico de Viseu (ISBN: 978-989-96715-5-3).
- Moizés, J. & Bueno, S. (2010). Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. *Rev. Esc. Enferm. USP*, 44(1), pp. 205-212.
- Stevens, S., Thompson, E., Vinson, J., Greene, A., Powell, C., Licona, A. & Russell, S. (2013). Informing sexuality education through youth-generated anonymous questions. *Sex Education: Sexuality, Society and Learning*, Volume 13 (supplement 1), pp. 84-98.
- Tunncliffe, S. & Reiss, M. (1999). Opportunities for sex education and personal and social education (PSE) through science lessons: the comments of primary pupils when observing meal worms and brine shrimps. *International Journal of Science Education*, Vol 21, Nº 9, pp. 1007-1020.
- UNESCO (2009). *International Technical Guidance on Sexuality Education. Section on HIV and AIDS – Division for the Coordination of UN Priorities in Education*. Paris: UNESCO.